

SENADO FEDERAL

PEDRO SIMON
SENADOR



São
Francisco
de Assis

Uma vida inspiradora

BRASÍLIA
2008



SENADO FEDERAL

SENADOR
PEDRO SIMON

SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Uma vida inspiradora

BRASÍLIA – 2008

CÂNTICO DAS CRIATURAS

Altíssimo, onipotente, bom Senhor,
Teus são o louvor, a glória e a honra e toda bênção.
A Ti, somente, Altíssimo, são devidos
E homem algum é digno de Te mencionar.

Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas,
Especialmente meu senhor, o irmão sol
Que, com luz, ilumina o dia e a nós.
E ele é belo e radiante com grande esplendor:
De ti, Altíssimo, carrega significação.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã luz e as estrelas,
No céu as formaste claras, preciosas e belas.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento
E pelo ar nublado e sereno e todo o tempo
Pelo qual dás sustento a tuas criaturas.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água
Que é muito útil e humilde, preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo
Pelo qual iluminas a noite e ele é belo, jucundo, robusto e forte.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa mãe terra
Que nos sustenta, governa e produz frutos
Com coloridas flores e ervas.

Louvados sejas, meu Senhor, por aqueles
Que perdoam por teu amor
E suportam enfermidades e tribulações.
Bem-aventurados aqueles que sustentam a paz porque por ti,
Altíssimo, são coroados.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa morte corporal
Da qual nenhum homem vivente pode escapar.
Infelizes aqueles que morrem em pecado mortal;
Bem-aventurados aqueles
Que se encontram em tua santíssima vontade
Porque a morte segunda não lhes fará mal

Louvai e bendizei a meu Senhor
E agradecei servi-lo com grande humildade.

São Francisco de Assis

SUMÁRIO

	Pág.
1. Introdução	7
2. São Francisco de Assis: uma vida inspiradora...	12
3. O São Francisco que mora em cada um de nós .	35
4. Eu tenho fé.....	39
5. Bibliografia.....	45

1. INTRODUÇÃO

Era 1989. O frio castigava a São Paulo da garoa. Cena de miséria na esquina de uma avenida. Não sei se São João. Não importa. Poderia ser uma qualquer, esquecida, até mesmo, pelos poetas que rondam a cidade. O carro, aquecido, vidros fechados, pelo frio e pelo medo. De repente, um rosto marcado pelo tempo ou pelo descaso. Cabelos longos, barba por fazer, pés descalços, maltrapilho, esfarrapado. Os calos nas mãos estendidas eram o testemunho, rude, mas digno, dos tempos de cidadania. Uma moeda, um pedaço de pão. Ou, quem sabe, uma outra mão.

“Me perdoe a pressa/É a alma dos nossos negócios”. “Eu vou indo em busca de um sono tranqüilo”. Mas, aquela luz verde refletida naquele rosto magro e ossudo, mais parecia um sinal de parada obrigatória. O funcionário do Ministério da Agricultura abre as portas do carro que lhe aquece o corpo, e do coração que lhe dá calor à alma, e doa ao andarilho o seu sobretudo. Para o funcionário, se era um sobretudo, é porque tudo ele tinha. E porque aquele sobretudo protegeria um “quase nada”. Convidou-o para um chocolate quente, ouviu os seus lamentos, emocionou-se com sua história de vida. Sem o

sobretudo e fora do seu carro, não mais sentiu frio. Aqueceu-se, apenas, das chamas do coração.

Na despedida, ouviu a frase que lhe transformou a vida, a partir daquele encontro, quem sabe consigo mesmo: “Você é um anjo da noite”. Em casa, os sonhos lhe trouxeram, de volta, a mesma esquina e o mesmo maltrapilho. As mesmas histórias, a mesma frase, a mesma voz: “Você é um anjo da noite”. “Um anjo da noite”. “Um anjo da noite”.

Foi assim o início dos “Anjos da Noite”, voluntários que percorrem aquela e tantas outras esquinas de São Paulo, dividindo cidadania. Quantas já foram, desde aquela madrugada fria de 1989, as alegrias somadas, a miséria diminuída e a esperança multiplicada? Hoje, são dezenas de voluntários, tantos outros “anjos da noite”, que distribuem seus “sobretudos”, mesmo que esse “tudo” seja quase nada, em termos materiais, desde que as almas de centenas de semelhantes sejam aquecidas no inverno da fome, da miséria e do desdém.

Quem seria aquele homem maltrapilho que mudou a vida de tanta gente, carros aquecidos, vidros fechados? Quem sabe, o mesmo esfarrapado que, um dia, adentrou a loja de “sobretudos” do pai do jovem Francisco de Assis, pedindo uma moeda, um pedaço de pão. Quem sabe, uma outra mão. Quem sabe, ele seja o mesmo Cristo, que se corporifica entre nós, através de tantos maltrapilhos e esfarrapados, a nos estender a mão, nas esquinas de Assis, ou de São Paulo, ou de qualquer outra cidade, em todos os cantos e recantos deste mundo de Deus?

Muitas vezes, imagina-se que se pode encontrar Deus, apenas, nas catedrais. Sem se dar conta de que Ele pode estar, ali, bem ao alcance, mesmo que num pequeno “telheiro”, como aquele que serviu de abrigo a São Francisco de Assis, a instigar sentimentos quase sempre ao descaso, como os de humanidade, de solidariedade e de amor ao próximo. Tudo isso em nome de uma nova religião, difundida, especialmente, nestes tempos de globalização: o consumismo. O culto ao “sobretudo”, em detrimento do “sobrenada”.

Quantas vezes somos chamados a “reconstruir a nossa igreja” e imaginamos que se trata, apenas, de tijolos, telhas e cimento, quando a argamassa dessa mesma igreja é, na verdade, a mudança dos nossos procedimentos, principalmente junto a tantos maltrapilhos e esfarrapados, que batem às nossas portas e tentam ultrapassar os muros da nossa retina?

Quantos serão os lobos que criamos dentro de nós mesmos?

O funcionário do Ministério da Agricultura e o maltrapilho são personagens atuais. Deus, nem tanto. O culto ao ter afasta o ser humano, cada vez mais, da obra divina do ser, criado à Sua imagem e semelhança. É por isso que uma das histórias mais conhecidas de todos os tempos, a da vida e obra de São Francisco de Assis, tem que ser lembrada, principalmente em alguns momentos mais marcantes da história da humanidade. Como nos tempos atuais. É que a opulência tem ocupado corações e mentes, ao mesmo tempo em que bilhões de maltrapilhos esten-

dem suas mãos, quase sempre calejadas, nas esquinas do mundo criado por Deus, corporificado, quem sabe, nos esfarrapados das esquinas do nosso desdém.

O tal funcionário praticou um ato tipicamente franciscano. Ele tinha um sobretudo, quando o mendigo não tinha absolutamente nada. A sua história é um retrato fiel da vida de São Francisco de Assis. Se forem bilhões os maltrapilhos a nos estender as mãos, há, também, muitos “franciscanos” que, na maioria das vezes, anonimamente, dividem seus “sobretudos”, não importa se os mais singelos. Singeleza como a que marcou a vida de São Francisco. Ele, que nasceu num mundo de catedrais, acatou a missão de reconstruir igrejas. Não a igreja material, mas a verdadeira igreja missionária que, para ele, deveria unir doutrina e prática religiosa. Amansou o lobo que se encontrava dentro dele próprio. Lobo, como tantos que uivam neste nosso mundo de barbárie.

Nada de mais significativo a acrescentar sobre a vida de São Francisco de Assis, além do que já foi escrito, como, por exemplo, os textos que serviram de base para esta singela reflexão, principalmente “*Os santos que abalaram o mundo*”, de René Fülöp Miller. Aliás, título dos mais significativos. Não há o que mudar na sua vida santificante. Nem o que acrescentar na sua biografia. Ao contrário, é a vida dele que tem que mudar a conduta dos homens dos tempos atuais. Esse é o objetivo principal deste texto: o “homem do milênio” passado tem que permanecer imitado, quem sabe ainda com mais devoção, neste milênio que se inicia. Para que ele continue sendo

fonte de inspiração, como o que aconteceu com o funcionário do Ministério da Agricultura. Quantos poderão ser, ainda, os “anjos” neste imenso e mal dividido universo? Quantas vezes Deus necessitará travestir-se em maltrapilhos e esfarrapados, para aguçar o espírito franciscano, muitas vezes adormecido, dos seres humanos?

Quem sabe seja este o melhor momento para que possamos despertar o “franciscanismo”, que existe dentro de nós. Principalmente quando se comemora oitocentos anos da obra franciscana.

Que esta síntese da vida e da obra de São Francisco de Assis, sirva, portanto, como fonte de inspiração!

2. SÃO FRANCISCO DE ASSIS: UMA VIDA INSPIRADORA

A vida de São Francisco de Assis é uma das mais belas e instigantes passagens da história da humanidade. Humanidade no seu sentido mais amplo, porque a vida deste chamado “homem do milênio” sintetiza todos os sentimentos mais nobres de um ser verdadeiramente humano: a solidariedade, a compaixão, a humildade, a caridade, o amor e a alegria. A essência da sua existência foi marcada pelo amor e pela dedicação a tudo e a todos: aos homens, aos animais, às plantas, ao sol, à lua, ao vento, ao fogo, à água. À natureza, enfim.

São Francisco nasceu na opulência e morreu na mais absoluta miséria. Doou tudo o que tinha e o que poderia ter. Pode-se dizer que há paralelos entre a sua paixão e morte e a do próprio Jesus crucificado. Quem sabe não tenha lhe faltado, nem mesmo, as chagas da crucificação. Nem mesmo a ressurreição, a cada ato de bondade que caracteriza o “franciscanismo” de todos os tempos, desde a sua existência terrena.

Ele nasceu em Assis, na Úmbria, Itália, no ano de 1182. Veio ao mundo em um período em que a fortuna

e a riqueza acumuladas pelos comerciantes e mercadores começavam a competir com os bens herdados da nobreza territorial. Seu pai, Pedro Bernardone, proprietário de uma das lojas de tecido mais ricas e elegantes de Assis, era um legítimo representante dessa nova classe emergente. De sua mãe, Dona Pica, francesa de Provença, herdara o desembaraço jovial e o encanto cordial. Seu nome de batismo era, na verdade, João, mas seus companheiros italianos o apelidaram de Francisco, em razão de sua linguagem e de seu porte tipicamente francês.

Pelos seus atos, poderia, quem sabe, ter sido chamado, também, de Messias. É que, já desde um século antes, disseminavam-se visões no sentido de que, tão logo se aproximasse o final dos tempos de desgraça, um menino surgiria e conduziria os homens a um período de júbilo. Esse mesmo menino seria corajoso e, ao mesmo tempo, humilde, pobre e despojado, e conduziria seu povo aos verdadeiros caminhos de Deus. Parecia, portanto, uma premonição ao nascimento do menino João, que foi Francisco, mas que poderia ser Messias, em Assis.

Essa era uma época que se caracterizava por grandes transformações, como a supremacia dos papas sobre a autocracia dos reis. A Igreja entrava num tempo de grandeza e de poder. O poder mundano da Igreja, que se iniciara no século XI, afirmava-se, portanto, naquele Século XII. A Igreja demarcava o seu “território”, exatamente pela conquista do território. Uma igreja material e sequiosa

de poder. Os sumos pontífices eram, muitas vezes, mais guerreiros do que missionários da obra de Deus.

Depois de freqüentar a escola dos monges beneditinos em Assis, Francisco passou a trabalhar com seu pai, na loja de tecidos. Sua simpatia e sua alegria de vida logo estimularam as vendas. Porém, o jovem não se resumia, apenas, à sua habilidade comercial, mas na fácil compreensão dos novos métodos do comércio que se instalavam à sua época, como a escrituração, as novas unidades monetárias e os sistemas de pesos e medidas. A presença de Francisco nos negócios do pai propiciava, portanto, maiores ganhos financeiros à família. Faltava-lhe, entretanto, qualquer espírito de parcimônia. Ganhava com facilidade, mas também gastava com igual facilidade. Para ele, não existia encantamento maior na vida do que presentear os outros, e a verdadeira alegria somente se materializava quando ela era plenamente dividida.

Francisco apreciava encontros festivos, com as mais caras iguarias e vinhos, onde ele, quase sempre, fazia as honras da casa. Era o líder da juventude dourada da sua cidade. Baixo e franzino, não eram suas qualidades físicas de beleza e estatura que o destacavam; era o encanto no trato com os amigos que o tornava especial. Por tudo isso, era considerado o rei das brincadeiras, das canções e dos banquetes de Assis. O trovador da terra, em sua época.

Os anos de prazer da existência de São Francisco coincidiram com uma nova mentalidade mundana de vida. Desenvolvia-se a arte dos trovadores, a partir da França, que, no século XII, tinha uma grande influência de irra-

dição de valores e de costumes, e de outros segmentos, como na arquitetura. Uma quebra nos valores tradicionais, em nome, agora, do culto aos bens tipicamente materiais, igualmente celebrados na Itália. Francisco era um dos seguidores dessa transformação do comportamento.

Para ele, entretanto, o dinheiro era apenas uma fonte para a sua felicidade e a dos outros, não só de seus amigos, mas, de igual maneira, dos pobres e enfermos. Essa atitude perdulária de Francisco preocupava, sobremaneira, o seu pai, Pedro Bernardone. Entretanto, esse comportamento do filho não deixava de lhe propiciar um certo orgulho, pois a distribuição de dinheiro para os mendigos lhe lembrava a sua origem, igualmente humilde.

Um certo dia, Francisco se encontrava na loja de seu pai, em conversa com um rico freguês do estabelecimento. Aproximou-se dele um mendigo, a lhe pedir esmolas. Concentrado no assunto, não prestou atenção ao pedido que lhe fora feito. Mais tarde, quando procurou pelo andarilho, não mais o encontrou. Caiu em desespero e, sem mesmo se preocupar em fechar a loja e guardar o dinheiro em caixa, saiu à sua procura. Depois de muito tempo, finalmente o encontrou, já na saída da cidade de Assis. Deu-lhe, então, o seu casaco, além de todo o dinheiro que carregava. Foi aí que nasceu, em Francisco, o verdadeiro espírito de caridade, o sentido da miséria e da privação.

Aos 22 anos, Francisco e seus amigos foram para a guerra deflagrada contra os senhores feudais da época, com o objetivo de lutar pelos direitos e pela liberdade da

burguesia emergente. Ocorre que a luta se circunscreveu entre a sua cidade e a vizinha Perúcia. Ao final, Assis saiu-se perdedora e Francisco e seus companheiros foram feitos prisioneiros. Isso, entretanto, não foi o suficiente para lhe tirar a alegria de vida e de lhe reprimir o dom de trovador. Um ano depois da prisão, após restabelecidas as pazes entre as duas cidades, Francisco retornou para sua casa e para a sua vida de banquetes e de extravagâncias.

Mas, esse foi um acontecimento que não passou impune na sua vida. Tão logo regressou da prisão, uma doença com fortes dores e febre alta impediu-o de continuar na sua rotina habitual de trabalho e de festejos. Acamado, seu único contato com o mundo exterior se resumia a uma réstia de sol que iluminava o seu quarto. Isso lhe serviu como uma espécie de encantamento e a sua consciência, neste período de enfermidade, era medida pelas horas de sol. Isso, também, lhe servia para movimentar os músculos acometidos pelo torpor, ao caminhar até a janela do seu quarto, para dar as boas vindas e para se despedir do astro-rei. A partir daí, e a cada dia que passava, ele se tornava, ainda mais, atraído pela natureza. A luz do sol lhe permitia uma visão atraente da vida dos homens e dos animais e da beleza das coisas.

Recuperada a saúde, voltou à rotina de trabalho e de lazer, mas não à alegria de antes. Parecia-lhe que, embora sua vida intensa, restava-lhe, ainda, uma espécie de vazio existencial. Os passeios durante a convalescença, que lhe permitiam apreciar a natureza, lhe deram uma sensação mais real de felicidade, maior que a de sua vida anterior.

Mesmo as antigas canções lhe pareciam vazias de conteúdo e aquém de sua verdadeira aspiração de vida. Sua impaciência crescia a cada dia, pois a felicidade que experimentara nos dias de convalescença era maior que a das noites de festa e de prazer. Passou a buscar, então, um tipo de alegria que lhe fosse mais elevado.

Durante este período em que Francisco procurava um novo sentido para a sua vida, iniciou-se uma nova guerra entre os imperadores germânicos e a Igreja. Entusiasmou-se, então, com a possibilidade de encontrar essa nova forma de vida, que tanto almejava. Durante um sonho, ele se encontrava na loja de seu pai, que, no caso, negociava escudos brilhantes, espadas e esporas, quando uma voz lhe dizia: “Tudo isso lhe pertencerá e a teus guerreiros”. Esse mesmo sonho lhe impulsionou, então, a seguir para a luta. Porém, ao chegar a Espoleto, a caminho de Roma, teve uma recaída inesperada da antiga doença, o que lhe fez interromper a idéia de continuar. Entre sonho e vigília, a mesma voz que ouvira em Assis, voltava a lhe dizer, reiteradamente: “Não entendestes bem a aparição em Assis. Volta para tua terra natal. Ali, te será conhecido o que deves fazer”.

Este fato não lhe afastou a idéia de continuar na sua caminhada. Para Francisco, seria degradante voltar derrotado para sua terra, mesmo sem ter lutado. De repente, ocorreu algo que, mesmo para ele, profundo conhecedor daquelas terras, parecia estranho: depois de ter cavalgado por um longo tempo, viu-se, novamente, às portas de Assis, exatamente de onde havia partido. Sem entender o

que acontecera, de volta para sua casa, sentiu uma imensa vontade de ficar sozinho.

Esses períodos de prostração não passaram incólumes a seus amigos. No primeiro retorno a um festejo, permaneceu calado e solitário com seus pensamentos. Um de seus amigos, vendo-o nesta indiferença, indagou-lhe se estava pensando em casar-se. “Sim, penso em casar-me”, respondeu ele, “mas com uma mulher pura e a mais amável das que já viste. Seu nome é Dona Pobreza”. Foi esse o grande momento de transformação de sua vida. A partir daí, tomou-lhe a convicção de que escolhera a humildade como companheira para o resto de sua vida. Deixou, então, tudo que tinha, procurou ficar sozinho e refugiou-se em uma caverna deserta para preparar-se para suas “nupcias”.

Certo dia, numa de suas cavalgadas solitárias, encontrou-se com um leproso, doença que, na época, era considerada a mais temida e a mais discriminatória. Num primeiro momento, sentiu horror e aversão, por causa do odor que ele exalava. Mas, logo a seguir, veio-lhe uma espécie de impulso, como se fosse empurrado em direção àquele homem. Deu-lhe dinheiro e beijou-lhe a mão, sentindo uma sensação de felicidade como nunca havia experimentado antes.

No dia seguinte, movido por uma imensa vontade de ajudar aos leprosos, foi ao local onde eles eram mantidos segredados, na Ordem de São Lázaro. Distribuiu-lhes o que tinha trazido e se colocou à disposição para, a partir dali, cuidar de todos os doentes. Foram desta maneira, os

lábios cobertos pela lepra os primeiros a chamar Francisco de santo.

Certa vez, quando se encontrava na igrejinha de São Damião, onde costumava ir diariamente, ouviu, de novo, uma voz: “Francisco, não vês que a minha casa está em ruínas? Vai e restaura-a para mim”. Francisco, sem recursos, mas sem hesitação, dirigiu-se à loja de seu pai e de lá retirou vários fardos de tecido, vendendo-os por uma soma considerável em dinheiro. Quando seu pai soube do fato, ficou furioso e chamou-o de ladrão. Arrastou-o até a adega e prendeu-o, autorizando que lhe dessem de comer, apenas, um pãozinho e água. No entanto, Francisco continuou firme na sua decisão de ouvir a voz de Deus. Seu pai encaminhou-o, então, ao Tribunal de Assis, para que o prendesse imediatamente. Depois de muita discussão, Francisco exigiu que fosse julgado por um tribunal canônico. Com a interferência do bispo de Assis, Dom Guido, decidiu devolver o que havia subtraído de seu pai: “Senhor bispo, não somente o dinheiro, mas tudo o que tenho dele, a ele restituirei, até mesmo as roupas que me deu”. Assim o fez, e acrescentou, conclusivo: “Escutai e compreendei. Até agora chamei Pedro Bernardone meu pai, mas, a partir daqui, desejo dizer Padre Nosso que estais no céu”. O bispo Guido ficou surpreso e comovido com a situação, tirou sua capa e a colocou sobre os ombros de Francisco.

Tornou-se, então, um trovador de Deus. Nada mais dispunha, somente um velho e abandonado capote de camponês, com uma corda amarrada na cintura. E pôs-se

a reconstruir a Igrejinha de São Damião. Como bom trovador, passou a pedir esmolas, desde que se traduzissem, apenas, em material necessário para a obra. A partir desse momento, começou a viver como mendigo por escolha própria, e não aceitava ajuda de ninguém, nem mesmo dos padres de São Damião. Entretanto, quando pedia esmolas, recebia em troca insultos terríveis que o tornavam enraivecido. Mas, logo depois, voltava e agradecia a quem o havia insultado. Numa velha balde, guardava os restos de comida, verdadeiras lavagens que lhe serviam de alimento.

Durante a missa de reinauguração da igreja, Francisco compreendeu o real significado da mensagem de Deus. Não era a obra física que lhe fora recomendada, mas a reconstrução da verdadeira doutrina da Igreja. O padre leu uma parte do Evangelho segundo São Mateus, onde Cristo se dirige aos apóstolos para proclamar o reino de Deus: “Eis que vos envio como ovelhas no meio de lobos”. Então, reconheceu que a mensagem apostólica da pobreza, humildade e amor que Cristo ordenara aos discípulos para espalhar ao mundo, era exatamente o que ele estava vivendo. Ato contínuo, começou a pregar o Evangelho, na Praça de Assis.

Essa era uma época em que o dinheiro acabava de ser introduzido como moeda de troca no comércio e na indústria e, por isso mesmo, era considerado a essência de todos os valores. Como pregava exatamente o contrário, Francisco só poderia ser considerado um louco pelo povo de Assis. Não é à toa que, passado o seu primeiro sermão, Francisco recebeu zombaria e desprezo.

Entretanto, com o passar do tempo, suas palavras foram sendo mais bem compreendidas pelas pessoas que o ouviam. Entre elas, exatamente, um outro rico comerciante de Assis, chamado Bernardo de Quintavalle. Também o cônego Pedro dei Cattani, que ouvira muitas vezes o sermão de Francisco, perguntou-lhe o porquê dele tornar-se um mendigo, e se o que os padres pregavam – a palavra de Deus – não seria suficiente. Francisco respondeu: “O que os padres ensinam na Igreja é a doutrina de Cristo, mas não o que praticam em suas vidas”.

Pouco tempo depois, em 16 de abril de 1208, o comerciante Bernardo e o Cônego Pedro resolveram, descalços e com roupas esfarrapadas, seguir o caminho de Francisco. O negociante vendeu todos os seus bens e distribuiu o dinheiro aos pobres na praça. Os três faziam as mesmas tarefas no “lazzareto”, local onde viviam os leprosos, e ajudavam os agricultores nas suas tarefas cotidianas. Eles se diferenciavam dos padres da época, porque, além de pregar o Evangelho, vivenciavam as palavras de suas pregações. Eram diferentes dos padres da Igreja que, apenas, liam o evangelho, mas viviam no conforto e na abundância. Os três levavam a vida com alegria. A pobreza os libertava de todo o peso.

Aos três se somou Egídio, um lenhador. Em duplas, decidiram empreender viagens missionárias, quando novos discípulos se integraram ao grupo. Entre eles, João, filho também de um abastado comerciante. O pai, indignado, culpou Francisco pela atitude do filho, e afirmou que tal gesto seria repreendido pelo bispo de Assis.

Dom Guido chamou, então, Francisco para uma conversa. O que o intrigava não era propriamente a reclamação do povo de Assis, mas o fato dele ter assumido uma espécie de apostolado da pobreza, aumentando cada vez mais o número de seguidores, podendo levar à instituição de uma nova fraternidade. Isso, sem dúvida, ia de encontro com as atitudes da igreja da época, preocupada, notadamente, com a posse de bens materiais. Francisco, entretanto, manteve-se na sua convicção, demonstrando que não necessitaria possuir bens materiais, e que bastava, em sua alimentação, aqueles restos de comida.

Como represália, a população de Assis, a partir, principalmente, do ingresso de João ao grupo, fechou as portas para a irmandade de Francisco, não lhes fornecendo, nem mesmo, o que lhes sobrava de suas refeições. Foram tempos de fome e de miséria ainda maior.

Quando o grupo já se constituiria de oito membros, resolveram partir para a segunda jornada missionária. Novamente em duplas, Francisco e um leproso que havia sido curado, de nome Morico foram, no primeiro momento, repelidos pela população das vilas por onde passavam. Mas, essa mesma população não passou incólume à sua contumaz alegria e à pregação evangelizadora e pediu que eles permanecessem mais tempo, pois, para aquele povo, eles representavam, na prática, a salvação de Cristo. Francisco, no entanto, durante essa viagem, entrou em um período de sérias dúvidas a respeito de si mesmo, de sua anterior vida devassa. O profundo sentimento de remorso fez com que ele pedisse a Morico que permane-

cesse pregando, pois, segundo ele, não merecia a graça de Deus, por ter vivido muito tempo em pecado.

Retirou-se, então, para uma caverna e pediu a Deus que o perdoasse. Naquele instante, surgiu uma luz, seguida de uma voz: “Francisco, alegra-te, teus pecados estão perdoados. Escolhi-te para que possa proclamar o meu reino”. Depois, uma visão mostrou-lhe milhares de irmãos, vindos de todos os cantos, acompanhando-o na caminhada da opção pela pobreza.

Esse fato fez com que Francisco sentisse, ainda mais, a urgência em registrar os preceitos da sua vida evangélica e que esses mesmos preceitos seriam válidos para todos os que passassem a acompanhá-lo. Começou, a partir daí, a escrever as normas de vida que ele experimentava. E o trovador de Deus cantava o que escrevia. Os seguidores dessas normas seriam chamados de Frades Menores. Quando terminou de escrever essas regras, mostrou-as para seus companheiros, que, com ele, já somavam doze. Essas normas deveriam ser submetidas, entretanto, ao Papa, em Roma.

O Papa Inocêncio III, por volta de 1210, conseguira a supremacia do poder feudal do Papado sobre o Estado. Mantinha sob tutela reis e imperadores, e os coroava e os depunha. Um dia, embora com tamanha preocupação com os problemas da Igreja, principalmente com um movimento herético que abominava o poder mundano da Igreja, viu-se, de súbito, frente a um mendigo, que desejava falar-lhe. Era Francisco, que queria mostrar-lhe a sua doutrina sobre o evangelho de Cristo. Imaginando ser

um louco, o Papa ordenou-lhe que se retirasse. Francisco, de pronto, obedeceu.

Uma semana mais tarde, o Cardeal João de São Paulo, por quem o Papa tinha grande consideração, veio falar-lhe de um homem chegado a Roma acompanhado de discípulos e que queria expor as normas de uma nova comunidade religiosa. O Cardeal assim se referiu em relação ao apostolado de Francisco: “Acredito que Deus, intenta utilizar o trabalho deles para reformar a fé de sua Santa Igreja em todas as partes do mundo”. Foi o suficiente para que o Papa, no dia seguinte, recebesse Francisco e lhe pedisse para conhecer as normas que houvera escrito. Em princípio, julgou as idéias bastante ingênuas. Afinal, para uma igreja que se preocupava tanto com posses materiais, o ideal de Francisco não poderia ser encarado de forma diferente. O Papa ordenou-lhe que ouvisse melhor o que Deus tinha a lhe dizer.

Mesmo assim, tudo indica que as palavras de Francisco também tocaram a consciência do Sumo Pontífice. Resolveu, então, reunir o Conselho de Cardeais, para que examinasse melhor as regras do apóstolo mendigo. Este Conselho apresentou uma sugestão de que se Francisco e seus companheiros quisessem realmente viver no espírito do Senhor, deveriam entrar para alguma ordem religiosa já existente como, por exemplo, a dos beneditinos. Não deveriam instituir, portanto, uma nova comunidade. A preocupação maior era, certamente, a possibilidade de perda de controle sobre aquele grupo que angariava, cada vez mais, um número maior de seguidores.

Mas, Francisco, movido pela sua convicção inabalável, colocou-se, mais uma vez, frente ao Papa Inocêncio: “Em qualquer parte onde estejamos, ou para onde formos, poderemos ter, sempre, nossa cela conosco. Pois, o Irmão Corpo é a nossa cela, e nossa alma é eremita, que fica lá dentro rezando a Deus”.

Essas colocações deixaram os cardeais mais indignados ainda. Advertiram, então, o Papa para que negasse as inovações “perigosas”, que o “mendigo” propunha. Mas, o Cardeal João de São Paulo, que ouvia, em silêncio, a discussão, disse em tom incisivo: “se rejeitarmos a petição deste pobre homem, como algo de novo e demasiado duro de cumprir, quando tudo quanto ele pede é que a lei de vida do Evangelho seja nela confirmada, tenhamos cautela para não ofender o Evangelho de Cristo. Pois, se alguém disser que, na observância da perfeição evangélica e do voto de cumpri-la, está contida alguma coisa de novo, ou de irracional, ou de impossível cumprimento, estará esse alguém culpado de blasfêmia contra Cristo, o autor do Evangelho”.

Essas colocações do Cardeal João de São Paulo tocaram fundo na consciência do Papa e abalaram a convicção que ele tinha até aquele momento. Decidiu, então, adiar a reunião para o dia seguinte.

Naquela noite, o Papa, atormentado pela indecisão sobre as normas da nova ordem, teve um sonho: “a grande e velha basílica de São João do Latrão, com todas as suas agulhas e abóbadas, começava a tremer e cambalear, ameaçando tombar para um lado”. Ao mesmo tempo,

via um homem, com as roupas rasgadas, correndo de um lado para o outro, tentando segurar a basílica. Ao acordar, Inocêncio reconheceu o homem como Francisco.

No dia seguinte, o Conselho de Cardeais voltou a colocar objeções ao grupo de Francisco: “Como poderá essa comunidade sobreviver, se não mantém bens terrenos de espécie alguma? Como poderá ela deixar de tornar-se uma carga e uma desgraça para a Igreja?”. Mas o Papa, ainda com as imagens do sonho, com grande convicção e, para espanto dos cardeais, afirmou: “Na verdade este é o homem graças ao qual a Igreja de Deus será de novo ereta”. E voltando-se para os frades conclamou: “Ide, com o Senhor e à medida que o Senhor vos for inspirando, pregai a todos os homens. Mas, quando Deus onipotente vos houver multiplicado em número, voltai de novo a mim e eu vos concederei muito mais do que isto agora, confiando-vos maiores poderes”. O Papa curvou-se, abraçou e abençoou Francisco. Era 16 de abril de 1210.

Cheio de alegria, e agora com as bênçãos do Papa, Francisco e seus irmãos partiram de volta para Assis, pregando o evangelho e vivendo na mais completa pobreza. O Bispo Guido designou-lhe a grande catedral de São Rufino para que ele fizesse as suas pregações. A partir daí, a igreja passou a receber um número cada vez maior de fiéis. Até mesmo seu pai, que o havia renegado, passou a freqüentar as pregações e, embora ainda tivesse restrições à “estranha” vida do filho, sentia orgulho em vê-lo, ali, abençoado pelo Papa.

“Amai-vos uns aos outros e esquecei-vos de que sois ricos ou pobres, pois um homem é somente aquilo que representa aos olhos de Deus”. Era assim a sua pregação na Catedral. Mas, não eram somente palavras. Francisco e seus seguidores praticavam, concretamente, o que diziam, no telheiro, em Rivo Torto.

O número de discípulos aumentava, cada vez mais. Certo dia, uma jovem e bela representante da nobreza local, de nome Clara, juntou-se ao grupo, encantada pelas pregações de Francisco. Havia, entretanto, profundas restrições à entrada de mulheres nesses grupos religiosos. Mas, o encanto de Clara tomou conta de Francisco. Construiu-se, então, uma cabana para que ela morasse, em companhia de outras irmãs que também se juntassem, naquela vida de oração, de evangelização e de amor aos pobres. Essa cabana foi, portanto, a célula inicial da Ordem Universal das Clarissas Pobres. Em menos de um ano, contadas as dos “franciscanos”, já eram quarenta essas cabanas, em torno do local chamado Porciúncula.

Após um dos sermões de Francisco, um rico conde, Orlando de Chiusi, não podendo dar-lhe dinheiro e riqueza, até porque sabia que ele não aceitaria, ofereceu-lhe espaço numa montanha, chamada Alverno, local considerado de extrema solidão. Este fato ocasionou uma das mais sérias crises da vida de Francisco: passou a viver a indecisão entre continuar sua vida apostólica junto aos homens ou a tentação da solidão em Deus. Aconselhado pela Irmã Clara e pelo Irmão Silvestre, ele optou por permanecer no mundo dos homens, na pregação do Evangelho.

Partiu, novamente, para disseminar a palavra de Deus, no Vale do Espoletto, na cidade de Bavagna, acompanhado de dois discípulos, Maseo e Ângelo. Resolvido o seu conflito pessoal, teve de volta o seu temperamento jovial, dominado pela alegria de viver. Caminhava pela estrada, cantando à frente dos seus companheiros. Numa dessas peregrinações, repentinamente, uma revoada de pássaros reuniu-se ao seu redor. Francisco começou a pregar para os “irmãos de penas”: “Pássaros, meus irmãozinhos, deveis ser muito gratos a Deus, vosso Criador e deveis louvá-lo, porque Ele vos deu a liberdade de voar para toda parte”. Como resposta, os pássaros iniciaram um belo cântico e puseram-se a voar, ao seu redor.

Permanecendo na caminhada, Francisco chegou à pequena cidade de Alviano, pronto a iniciar a sua pregação. Como que a recebê-lo com alegria, centenas de andorinhas começaram a cantar. O povo, em silêncio. Francisco aguardou alguns instantes, inebriado pelo cântico dos pássaros, antes de dirigir-lhes as primeiras palavras: “meus irmãos e minhas irmãs andorinhas, chegou a minha vez de falar. Vós estivestes a cantar todo esse tempo”. E elas, obedientes à sua voz, calaram. Centenas de vozes humanas gritavam, em coro: “Milagre, milagre, um santo”. E Francisco pregou a palavra de Deus, para um público cada vez mais encantado por ele.

Essa mudança de comportamento do povo, em resposta às palavras e aos atos de Francisco, se estendeu por todos os lugares por onde ele passava. Não foi só em Alviano, onde os habitantes aderiram, completamente, à sua pregação. Outras vilas e outros burgos da época, de toda

a Itália, passaram a adotar sua forma de vida. Porciúncula e São Damião, as grutas, os mosteiros e conventos, que haviam surgido por toda a parte, mostravam-se pequenos para acolher todos os que desejavam segui-lo. E as regras que havia escrito para orientar a sua ação e dos seus onze seguidores – “menestréis de Dona Pobreza” – tornavam-se insuficientes.

Até mesmo o homem mais poderoso daquele século, o Papa Inocêncio III, embora não tendo se convertido em vida à comunidade franciscana, o fez de uma forma inusitada. Conta a história que, em julho de 1216, Francisco soube que o Papa estava à morte. Corria o boato de que a doença que o consumia era a peste e todos temiam entrar no quarto do pontífice. Francisco, embora advertido desse fato, o fez, tomou a sua mão e rezou por ele. O papa morreu, em paz, na presença de Francisco. À noite, quando levado para uma igreja, onde foi velado, os homens encarregados da segurança do velório continuavam temendo pelo contágio. Isso foi o suficiente para que ocorresse o roubo de todos os pertences do pontífice, incluindo jóias e, até mesmo, a sua própria roupa. Quando Francisco soube do ocorrido, voltou, imediatamente, tirou seu capote, e cobriu-o, carinhosamente. Esse fato é considerado, pela história, um momento de conversão do Papa Inocêncio III à humildade franciscana.

Na trajetória de Francisco, doutrina e vida eram coincidentes. No entanto, ele temia que o crescimento vertiginoso da ordem pudesse levá-la a desvirtuar os seus princípios fundamentais, calcados na pobreza, na carida-

de e na humildade. Por exemplo, no ano 1219, cinco mil frades reuniram-se em Porciúncula, todos seguidores dos ensinamentos concebidos por ele. Imaginava que tamanho crescimento poderia levar o seu movimento de volta para uma Igreja preocupada com bens materiais e com poderes mundanos.

Quando o Cardeal Ugolino, mais tarde Papa Gregório XI, mandou chamar Francisco e lhe pediu que indicasse alguns de seus irmãos para se tornarem bispos, ou ocupantes de outras hierarquias da Igreja, a sua resposta foi pronta: “meus irmãos são chamados ‘menores’ para que não pensem em tornarem-se maiores entre seus semelhantes”.

Entretanto, uma ordem constituída de milhares de membros seria muito difícil de ser administrada por uma única pessoa. Necessitava de uma organização e, conseqüentemente, de uma hierarquia, o que não era bem vista por Francisco. Coube ao Irmão Elias, um de seus discípulos, a tarefa de dar uma organização clara à ordem dos franciscanos.

O novo Papa, Honório III, havia estimulado os cristãos a travar uma guerra santa contra os “infiéis”, para convertê-los à doutrina de Cristo e conquistar a Terra Santa à Cristandade.

Em 1219, uma poderosa esquadra do exército dos cruzados partiu para o Egito, para aniquilar o “inimigo infiel”, pela força das armas. Francisco também resolveu partir para o Egito, desarmado, sem espada e sem armadu-

ra, apenas na companhia de um discípulo, com o objetivo de buscar a conversão daquele povo, pela força, somente, das palavras de amor que Cristo havia pregado.

Francisco pediu permissão ao representante do Papa, que acompanhava o exército cristão, para se dirigir ao acampamento inimigo, a fim de converter o sultão Malique al-Camil, utilizando-se da palavra do evangelho. Foi o que aconteceu. O sultão compreendeu como sinceros os propósitos de Francisco, reconhecendo-os como preceitos divinos: “meu querido irmão, ide e rezai por mim, para que Alá possa revelar-me qual a fé de que ele gosta mais”. Chamou, então, um subalterno e lhe pediu que escrevesse uma permissão, para que Francisco fosse autorizado a viajar por toda a Terra Santa, nos lugares sagrados cristãos.

Quando em 1220, Francisco regressou dessa viagem ao Egito e à Síria, encontrou a comunidade dos frades muito bem organizada e instalada em construções luxuosas e confortáveis. Parecia que o seu ideal fora vencido pelas necessidades práticas do mundo. Estes fatos deixaram-no entristecido e irritado. Para ele, o seu poder não se constituía em ditar regras e em exercer autoridade sobre os outros. Só conhecia um caminho de orientação: a influência através do exemplo.

O Cardeal Ugolino decidiu que ele próprio seria responsável para tentar convencer Francisco de que sua ordem necessitava de uma nova regra para que pudesse se manter una. Disse ele: “Francisco, a regra que vós trastes em Porciúncula servia para uma dúzia de homens,

vivendo todos sob vossa direta supervisão. Mas, não serve mais para uma ordem de milhares que vivem dispersos pela face da terra. Se quiserdes que vossa santa obra beneficie a humanidade e a Igreja, tereis de dar nova redação à regra, com maior sobriedade e circunspeção, de modo que todos os irmãos possam aceitá-la como uma base para restaurar a paz”.

Francisco refugiou-se em uma caverna, acompanhado de três de seus discípulos mais próximos, para reescrever os ditames. Na primavera de 1221, a nova redação já se encontrava pronta. Apresentada a mais de três mil frades, ela não passava, na verdade, de uma nova versão, calcada nos mesmos apelos e princípios de simplicidade e de humanidade.

Novamente, o Cardeal Ugolino, interpelou Francisco: “Irmãos, vossa Regra é maravilhosa. Mas uma Regra deveria ser algo por meio do qual homens e mulheres pudessem viver. Deveis modificá-la”. Depois de reescrevê-la diversas vezes, sem nunca ter sido aceita, Francisco foi alijado da missão. O próprio Cardeal, ajudado por Elias, decidiu elaborar uma regra “necessária para uma grande ordem”. Foi aí que foi suprimida do texto a alusão à “Dona Pobreza”.

Talvez esteja aí a grande questão da vida franciscana, no contexto da Igreja como um todo, nos tempos de Francisco. Como se tratava de uma Igreja movida por interesses materiais e ambições de poder, Francisco era considerado, pelos maiores escalões eclesiásticos da época, um rebelde que deveria ser controlado. Por isso, as

diversas tentativas de enquadrá-lo em normas ditadas pela hierarquia da igreja, o que ia de encontro à verdadeira essência da vida pregada por Francisco, pois ela se abstraía de todo e qualquer apego material. Para Francisco, tudo teria que ser dividido.

Talvez ele tenha, neste momento, aberto uma cisão dentro de sua própria ordem. Ele teria que reconstruir o seu movimento, a partir do seu próprio exemplo de vida. Ele teria, mesmo que com o arremedo de vida que lhe restava, deixar o seu exemplo. Ele já se encontrava doente, vítima de tracoma, doença endêmica no Egito e que adquiriu durante sua estada naquela região. Seus olhos encontravam-se inflamados e a luz do sol, que tanto amava e que lhe permitia perceber os homens, as árvores, as flores, as aves e tantas outras coisas belas da natureza, agora lhe cegava ainda mais a visão. Não se queixava da doença e nem do pesar que lhe causava o cisma de sua ordem. Francisco dedicara sua vida à imitação de Cristo e, por isso, tinha também que acompanhá-lo no caminho da cruz. Consta, inclusive, que, nos dois últimos anos de vida, apresentava as mesmas chagas de Cristo, quando crucificado.

A pedido do Cardeal Ugolino, Francisco foi levado a Riéti, onde existiam muitos especialistas em olhos, para que tentassem livrá-lo da cegueira total. Várias tentativas foram realizadas, mas todas sem sucesso. Por fim, o último procedimento, brutal e derradeiro, foi o de cauterizar o rosto. Uma barra de ferro achatada incandescente foi colocada sobre seus olhos, mas de nada adiantou. Ao con-

trário, uma tosse o fez expelir sangue, antevendo que a morte se aproximava.

O trovador de Deus, mesmo com todo este sofrimento, que o acompanhou por mais seis meses, nunca perdeu a alegria de vida e sempre tinha uma canção nos lábios. Seu último desejo era ser levado de volta a Assis. E assim aconteceu em agosto de 1226. O bispo Guido, o mesmo que havia conduzido a sessão de julgamento de Francisco com seu pai, ofereceu-lhe o salão do palácio para que passasse os últimos momentos de sua vida. Depois de permanecer algum tempo naquele mesmo salão que lhe servira para ser julgado, Francisco foi transportado para a Porciúncula, onde desejava morrer e ser enterrado. No caminho, tendo Assis a seus pés, desejou vê-la pela última vez. Seus olhos já não lhe permitiam as imagens da cidade que ele tanto amou. Mas, essa escuridão que lhe fora imposta pela doença foi iluminada com a luz de sua alma. E ele a abençoou. Tendo chegado ao seu último destino terrestre, fez um derradeiro pedido: “Descansai meu corpo nu no chão nu, pois, assim, nos braços de minha querida Dona Pobreza, desejo eu morrer”. Ao por do sol do dia 3 de outubro de 1226, morreu Francisco de Assis.

3. O SÃO FRANCISCO QUE MORA EM CADA UM DE NÓS

Não é difícil um coração servir de moradia para São Francisco de Assis. Basta que ele seja arquitetado pela generosidade, construído pela solidariedade e mobiliado pela humildade. Não há como ficar imune a uma simples leitura da vida deste santo que foi considerado o “homem do milênio”.

Aliás, a vida de São Francisco já provocou, ao longo dos séculos, profundas mudanças no comportamento humano. Fatos atribuídos a ele, como o sermão aos pássaros e o milagre das andorinhas, por exemplo, produziram transformações nas artes, na literatura, nos sentimentos e no pensamento científico. A representação de São Francisco falando ao sol, às nuvens, às flores e aos animais causou uma reconciliação, um resgate do espírito do cristianismo com o amor à natureza.

São Francisco também suscita o contraditório que está em cada um de nós. Não é por acaso que, na história da humanidade, é nos tempos de barbárie que floresce, com maior viço, o chamado espírito franciscano. Quem sabe, exatamente, o mesmo paradoxo da vida de São Francisco:

de uma vida mundana marcada pela opulência e pela luxúria, a uma existência determinada pela pobreza e pela humildade.

Talvez o momento atual da nossa história seja um dos que mais reclama esse mesmo contraditório da vida de São Francisco. As guerras, em nome do poder, do dinheiro e do nada, às vezes, paradoxalmente, em nome de Deus; a violência, a fome, a miséria, o desdém, a discriminação, entre outras mazelas, invocam a busca de novos valores e referências, calcados nos sentimentos praticados por São Francisco de Assis. Talvez, o resgate do verdadeiro conceito de humanidade. Mas, ele se rebelou contra o discurso vazio, sem a prática correspondente. Ele realizava, efetivamente, a sua pregação. Quem sabe, então, uma vida a ser imitada, com devoção, nos dias atuais.

Assistimos, hoje, a uma perversa divisão do mundo em duas partes. Na fronteira, o mercado, a carimbar passaportes e distribuir “visto de entrada”, simbolizados nos selos das mais famosas grifes e na vida marcada pela opulência. Esse mesmo mundo tem uma nova constituição, chamada globalização, e uma nova religião, o consumismo. Há uma nova pregação, quase fundamentalista, disseminada pela mídia: há que se converter para essa nova religião, para se transpor à fronteira da inclusão, delimitada pelo mercado.

O mundo de hoje preocupa-se, novamente, com a construção, não apenas de “igrejinhas”, como a de São Damião, mas de “catedrais” reluzentes e ornamentadas com os mais ricos bens materiais. Os sentimentos que

marcaram a vida de São Francisco de Assis correm o risco de serem, também novamente, desdenhados e ridicularizados. A compaixão, a solidariedade, o amor ao próximo ficam longe do despudor do lucro e do poder a qualquer preço. Mesmo que “em nome de Deus”.

Fico imaginando como será esse mesmo mundo, nos tempos que estão por vir. Que futuro restará às mais de um bilhão de pessoas que padecem, hoje, da dor da fome e são consideradas pesos mortos na contabilidade das preocupações do mundo moderno?

O homem transformou-se em um, na multidão. Isolado, a tecnologia o coloca em contato com o mundo, mas ele vive entre quatro paredes. Perdeu a consciência do coletivo e o sentimento da compaixão. É um concorrente, no lugar do semelhante. Os bens materiais lhe dão forma. Preocupa-se em ter, no lugar do ser. Não consegue amansar os lobos que se criam e se desenvolvem dentro de si próprio. Vale-se, cada vez mais, da auto-ajuda, como se problemas e soluções se resumissem na sua própria individualidade.

Ainda assim, a minha esperança se move inspirada na vida de Francisco de Assis. Eu acho que a Humanidade, embora tamanha barbárie, retratada na violência, nas guerras, na fome e na miséria, carrega, em si, no mais interior do seu íntimo, o dom do sentimento franciscano. Talvez não seja necessário, novamente, anunciar um novo João, que pode ser Francisco, que pode ser o Messias. Eu ainda acredito que os ideais de São Francisco não morreram. E que serão, cada vez mais, caudalosos os seus seguidores.

O funcionário do Ministério da Agricultura não está só. Cada um de nós tem, no seu mais íntimo, algo de “anjo da noite”. Talvez o maltrapilho e esfarrapado, numa esquina qualquer da nossa maior cidade, repleta de luzes, seja a encarnação viva de São Francisco de Assis. Ele pode estar reconstruindo uma nova igreja na consciência de cada um de nós.

4. EU TENHO FÉ

São Francisco de Assis, considerado o homem do milênio, na sua peregrinação, em nome dos mais pobres e desvalidos, disse ter, um dia, ouvido uma voz: “não vêes que a minha igreja está em ruínas? Vai, e restaure-a, para mim”. Pois, hoje, parece que ouvimos, a mesma voz que ecoou nos ouvidos de São Francisco. Como naqueles tempos, há uma “igreja restaurada, não somente a igreja de tijolos e argamassa, mas a igreja construída na fé, na humildade e no amor ao próximo”.

Há oito séculos, numa cerimônia religiosa, o celebrante leu uma parte do Evangelho de São Mateus, onde Cristo se dirige aos apóstolos, para proclamar o reino de Deus: “Eis que vos envio como ovelhas no meio de lobos”.

São Francisco reconheceu, naquele instante, que as mensagens apostólicas, as mesmas que Cristo ordenara aos discípulos, para que espalhassem ao mundo, era o que ele tinha que viver na plenitude. Ato contínuo, começou a pregar os princípios de humanidade, de solidariedade e de compaixão, por todos os lugares por onde passava.

Pois bem, já se vão oito séculos desde a primeira pregação de São Francisco. Oito séculos de franciscanismo! Quem sabe Deus esteja dizendo, novamente, nestes nos-

soz tempos, aos seguidores dos princípios franciscanos: “não vêes que a minha igreja está em ruínas? Vai, e restaure-a, para mim”! Agora, mais que em outros tempos, entendemos, melhor, que não é, somente, aquela igreja material, mas aquela fincada nos valores da humanidade, da solidariedade, da compaixão e do amor ao próximo.

São Francisco viveu numa época de impetuosa mercantilização de bens materiais. Nós vivemos um momento de criminosa mercantilização de consciências. Muitas vezes, de pecaminosa mercantilização da fé.

Não sei se podemos nos considerar, agora, como as ovelhas dos textos bíblicos, mas, estou certo, nestes nossos novos tempos de disseminação da barbárie, que estamos, novamente, “no meio de lobos”. Onde se incluem, também, os “lobos” que estão dentro de nós.

Não é concebível, por exemplo, que, numa cidade que Deus fez tão maravilhosa, como o Rio de Janeiro, homens, criados à Sua semelhança, arrastem, pelas suas ruas, um menino inocente, ante a aflição dolorosa de sua mãe. Nem que uma menina, também inocente, tenha seus mais belos sonhos ceifados, supostamente, pelo próprio pai. Nem que os senhores da guerra se arvorem em se constituírem em novos deuses. Nem que se banalize, enfim, o sopro divino da vida, nas miras, nas balas perdidas, dos gatilhos e dos rastilhos.

O resgate dos valores perdidos pela humanidade é a igreja a ser reconstruída. Uma igreja edificada nos princípios da paz. Como disse Mahatma Gandhi, “a não-vio-

lência é a mais alta qualidade de oração. A riqueza não pode consegui-la, o orgulho devora-a, a gula e a luxúria ofuscam-na, a mentira a esvazia, toda pressão não justificada a compromete”. “Não há caminho para a paz, a paz é o caminho”.

A paz só se concretizará se compreendermos, e viabilizarmos, as verdadeiras necessidades do povo, enquanto seres verdadeiramente humanos, tal e qual foram concebidos pelo Criador. O caminho de paz já foi orientado, para todos nós, pelo Papa Bento XVI. Disse ele: “somente através de um comum empenho de partilha, é possível responder ao grande desafio do nosso tempo, isto é, construir um mundo de paz e de justiça, no qual cada ser humano possa viver com dignidade”.

Martin Luther King, em um dos mais inesquecíveis momentos do século passado, que inspirou uma geração inteira, na luta de um povo pelos mesmos princípios franciscanos de liberdade, de dignidade, de humanidade, de solidariedade e de cidadania, bradou ante milhares de pessoas: “eu tenho um sonho”. Disse ele: “Eu tenho um sonho que, um dia, esta nação se levantará e viverá o verdadeiro significado de sua crença – nós celebraremos estas verdades e elas serão claras para todos, que os homens são criados iguais”.

Como Luther King, eu também tenho os meus sonhos. Aliás, eu tenho mais que sonhos: eu tenho fé.

Eu tenho fé em um Brasil onde todos, homens e mulheres, sejam, realmente, cidadãos na sua plenitude,

sendo-lhes assegurados todos os direitos sociais, políticos e econômicos.

Eu tenho fé em um país onde os políticos sejam, realmente, representantes das aspirações do seu povo, e não seus usurpadores, e que a vontade coletiva ocupe o lugar dos interesses individuais.

Eu tenho fé em um país sem impunidades, onde a lei seja cumprida, em todos os segmentos da população.

Eu tenho fé em um país onde as crianças possam sonhar com um futuro mais digno, mais humano e mais cidadão.

Eu tenho fé em um país que, bonito por natureza, seja respeitado no seu meio-ambiente, não importa se nas pequenas flores dos seus jardins, ou na imensidão da sua maior floresta.

Eu tenho fé em um país sem qualquer discriminação de raça, de cor, de gênero, de condições sociais, econômicas e geográficas.

Eu tenho fé em um país onde os idosos, detentores de experiências acumuladas, tenham direito a uma existência digna, e que sejam respeitados nas suas necessidades de políticas públicas.

Eu tenho fé em um país iluminado pelo saber, fora da escuridão do analfabetismo.

Eu tenho fé em um país onde as pessoas possam transitar livres e seguras, por suas ruas e avenidas, sem o risco da bala perdida, ou mirada.

Eu tenho fé em um país sem tamanhas desigualdades pessoais e regionais de renda, e onde todos tenham direito ao trabalho dignificante.

Eu tenho fé em um país sem a dor da fome e da miséria, onde todas as mesas de refeições sejam, de fato, de comunhão.

Eu tenho fé em um país onde todos tenham direito à moradia, mesmo que singela, fora das pontes e dos viadutos que lhes servem de lar, e das sarjetas, que lhes restam como meio-fio.

Eu tenho fé em um país sem as dores das filas dos hospitais, na loteria da vida de quem pode viver, e de quem deve morrer.

Eu tenho fé em um país onde a contribuição de cada um, não importa o valor, seja efetivamente, partilhada entre todos, de acordo com as suas necessidades, e não apropriadas por poucos, que se locupletam do poder.

Eu tenho fé, enfim, em Deus e, mesmo que tenham se distanciado, tanto, Dele, eu também tenho fé nos homens, exatamente porque foram feitos à Sua imagem e semelhança.

5. BIBLIOGRAFIA

DRUMMOND, Aristóteles, org. **São Francisco de Assis: Poemas**. 3ª ed. – Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2000.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. 7ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2005.

SPOTO, Donald. **Francisco de Assis: O Santo Relutante**. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

FÜLÖP-MILLER, René. **Os Santos que Abalaram o Mundo**. 11ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

SENADO FEDERAL
SECRETARIA ESPECIAL DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES
Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900
Brasília – DF
OS nº 2711/2008

Muitas vezes, imagina-se que se pode encontrar Deus, apenas, nas “catedrais”. Sem se dar conta de que Ele pode estar, ali, bem ao alcance, mesmo que num pequeno “telheiro”, como aquele que serviu de abrigo a São Francisco de Assis, a instigar sentimentos quase sempre ao descaso, como os de humanidade, de solidariedade e de amor ao próximo. Tudo isso em nome de uma nova religião, difundida, especialmente, nestes tempos de globalização: o consumismo. O culto ao “sobretudo”, em detrimento do “sobrenada”.

...

Quantas vezes somos chamados a “reconstruir a nossa igreja” e imaginamos que se trata, apenas, de tijolos, telhas e cimento, quando a argamassa dessa mesma igreja é, na verdade, a mudança dos nossos procedimentos, principalmente junto a tantos maltrapilhos e esfarrapados, que batem às nossas portas e tentam ultrapassar os muros da nossa retina?

...

A minha esperança se move inspirada na vida de São Francisco de Assis. Eu acho que a Humanidade, embora tamanha barbárie, retratada na violência, nas guerras, na fome e na miséria, carrega, em si, no mais interior do seu íntimo, o dom do sentimento franciscano. Eu ainda acredito que os ideais de São Francisco não morreram. Talvez o maltrapilho e esfarrapado, numa esquina qualquer da nossa maior cidade, repleta de luzes, seja a encarnação viva de São Francisco de Assis. Ele pode estar reconstruindo uma nova igreja na consciência de cada um de nós.

Senador Pedro Simon